

Brasil teve queda de 4% de assassinatos em 2023

País somou 39,5 mil homicídios, segundo Monitor da Violência; Rio, Amapá, Minas, Maranhão e Pernambuco contrariaram a tendência e apresentaram alta do número de mortes violentas e registros no Ceará ficaram estáveis

Em 2023, o Brasil registrou 39,5 mil assassinatos, número 4% menor que de 2022, quando houve 41,1 mil casos, segundo o levantamento periódico do Monitor da Violência, divulgado pelo IUPERJ em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e o Núcleo de Estudos da Violência da USP. Entre as unidades federativas, 21 reduziram o número de mortes.

A queda foi a terceira consecutiva e a menor da série histórica, iniciada em 2007. A redução foi puxada por São Paulo, Pará e Bahia — que, juntos, respondem por 33% das 1.648 mortes a menos registradas no ano passado. Os estados de Rio de Janeiro, Amapá, Minas Gerais, Maranhão e Pernambuco, por sua vez, tiveram altas nos casos.

Com 6,7 mortes por 100 mil habitantes em 2023, São Paulo manteve o menor índice e teve um recuo em relação à média de 7,1 por 100 mil de 2022. A Bahia, apesar da queda, tem o quinto maior índice, com 34,3 (o índice nacional é de 19,4). As maiores quedas percentuais foram em Sergipe (22,6%), Tocantins (19,8%) e Rondônia (14,5%). Todos têm índices de mortes por 100 mil habitantes superiores ao nacional. O levantamento contabiliza vítimas de homicídios dolosos, latrocínios e lesões corporais seguidas de morte. Mortes por violência policial não entram na conta.

— Temos uma queda de 4% que precisa ser comemorada, mas ainda um patamar muito alto, que coloca o país entre os mais violentos do mundo. Talvez estejamos construindo uma tendência que pode ser mais estável com o tempo — comentou David Marques, coordenador de projetos do Fórum Brasileiro



ÍNDICE DE HOMICÍDIOS NO BRASIL EM 2023

Ranking por estado de taxas de mortes violentas para cada 100 mil habitantes

Total	Local	Taxa
39.492	Brasil	19,4
332	Amapá	45,2
3.518	Pernambuco	38,8
1.131	Alagoas	36,2
4.848	Bahia	34,3
1.346	Amazonas	34,1
2.970	Ceará	33,8
951	Rio Grande do Norte	28,8
443	Roraima	28
1.837	Maranhão	27,1
1.030	Espírito Santo	26,9
163	Roraima	25,6
936	Mato Grosso	25,6
2.068	Pará	25,5
995	Paraná	25
206	Acre	24,8
353	Tocantins	23,4
711	Piauí	21,7
3.388	Rio de Janeiro	21,1
458	Sergipe	20,7
1.922	Paraíba	16,8
1.796	Rio Grande do Sul	16,5
446	Mato Grosso do Sul	16,2
1.086	Goiás	15,4
2.700	Minas Gerais	13,1
279	Distrito Federal	9,9
602	Santa Catarina	7,9
2.977	São Paulo	6,7

Fonte: Monitor da Violência

COMPANHIA DE

de Segurança Pública.

O pesquisador atribuiu a redução do número de homicídios em São Paulo às políticas públicas nos últimos anos, como o investimento na profissionalização da PM e o foco da Polícia Civil na prisão de "homicidas contumazes".

— São Paulo teve uma queda relevante no número de assassinatos, mas já tem construído uma tendência de redução bastante longa, de 20 anos pelo menos. Houve também investimento massivo no sistema prisional e não temos registrado rebeliões ou assassinatos por lá — lembra.

Em 2023, o número de assassinatos no Estado do Rio voltou a passar o de São Paulo — que tem quase o triplo da população. O estado registrou 3.388 mortes violentas — média de 9 por dia, e 233 a mais que as 3.155 registradas em 2022, uma alta de 7,4%. São Paulo registrou 2.977 assassinatos em 2023, 10% a menos que o total de 3.316 de 2022.

Conforme o IUPERJ, parte do aumento das mortes violentas pode ser explicada por brigas de grupos criminosos

pelo controle de territórios no Rio. Em 2023, o Comando Vermelho ampliou os ataques a comunidades dominadas por milícias em Jacarepaguá, na Zona Oeste.

Na divisão por estados, o Ceará manteve a estabilidade, com 2.970 assassinatos. Para Marques, a expansão e a influência das facções criminosas explica "variações abruptas" nas estatísticas de violência em alguns estados.

Violência no Amapá é atribuída à expansão das facções criminosas do Rio e de São Paulo

— Temos um fenômeno dos últimos anos em que facções surgidas em São Paulo e no Rio se espalham, aproximando-se de rotas de narcotráfico de países produtores nas fronteiras, portos e aeroportos.

O segundo maior peso no total de homicídios é o de Pernambuco, que teve 183 mortes a mais em 2023 (e 28% das mortes a mais no grupo de estados onde houve alta). O esta-

do, que abriga menos de 5% da população brasileira, respondeu por 9% das mortes violentas em todo o país no ano passado.

O Amapá teve a maior alta percentual: com 110 mortes a mais, os homicídios saltaram 49,5% em 2023. Assim como em Pernambuco, a fatia total de assassinatos do país é maior (0,8%) que sua representatividade na população total (0,4%). Os dois estados ostentam os piores índices de mortes por 100 mil habitantes do país, com 45,3 e 38,8, respectivamente.

Para Marques, a expansão e a influência das facções criminosas explica "variações abruptas" nas estatísticas de violência em alguns estados.

— O Amapá é o mais representativo da dinâmica dessas facções criminosas. Autoridades locais têm analisado o crescimento no estado sobretudo pelo conflito entre as facções. Houve um crescimento de quase 65% nas mortes violentas em relação ao ano anterior.

Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Monitor da Violência, entre os seis estados com maiores taxas de assassinatos por 100 mil habitantes, cinco têm mais policiais militares do que a média nacional. A exceção é Pernambuco, que registra a segunda taxa mais elevada de mortes violentas no Brasil e tem efeito de segurança abaixo da média nacional, que é de 2 por cada mil habitante.

O Amapá registra proporcionalmente o maior efetivo policial do Brasil (4,2 policiais militares para cada mil habitantes). Santa Catarina fica no extremo oposto: tem o menor efetivo policial do Brasil (1,3 PMs por mil habitantes) e a segunda menor taxa nacional de homicídios (7,9 por 100 mil). (com informações do IUPERJ)

Café, encontros e esperança na 1ª 'saindinha' do ano em Tremembé

Entre os favorecidos pela medida, estão Alexandre Nardoni e Gil Rugai

TRUE CRIME

ULIANES CAMPANELLA
ulianes.camp@globo.com.br

O dia de ontem foi de movimentação intensa no Presídio de Tremembé, no Vale do Paraíba (SP), onde cumprem pena alguns dos criminosos de casos emblemáticos do país, como Alexandre Nardoni, condenado pela morte da filha aos 5 anos, e Gil Rugai, sentenciado por assassinar o pai e a madrasta. Os dois estão entre os cerca de 30 mil detentos autorizados a deixar a cadeia por uma semana, beneficiados pela primeira "saindinha" do ano.

Só em Tremembé, são mais de mil alcançados pela medida deixando as quatro unidades do complexo penitenciário, em um processo

iniciado às 6h. Na porta das prisões masculinas, a movimentação é sempre maior, com a aglomeração de mães e esposas. Diante das cadeias femininas, poucas pessoas aguardam pelas detentas.

Assim que saiu de Tremembé, por volta das 7h, Eliane da Silva, de 23 anos, se deparou com a mãe e a namorada. Estava saindo pela primeira vez desde que foi preso, em 2019. Primeiro abraçou a mãe, a feirante Fátima da Silva, de 38 anos. Depois beijou a namorada, Elizete de Souza, de 21 anos.

— Nunca tive coragem de visitá-la na cadeia. Por isso fiz questão de vir buscá-la — conta Fátima. — Ele se envolveu com o tráfico e cometeu outros erros como roubos. Considerando que nessa cadeia tá cheio de assassinos frios e psicopatas, o

erro do meu filho é fininha.

Adriano da Fonseca, de 47 anos, disse que vai passar os sete dias de liberdade tentando provar sua inocência. Ex-policia rodoviário, foi condenado a 20 anos por assassinato. Segundo conta, um homem foi esfaqueado em Campinas (SP), em 2014, por uma arma que, conforme consta na acusação, teria sido emprestada por ele. Chorando, Adriano fala que perdeu tudo, inclusive a esposa.

— Meu processo está transitado em julgamento, mas não vou desistir. Nem que lute até o fim da minha vida.

Quase todos os presos que deixaram Tremembé estavam à paisana. Alguns, no entanto, saíram com o uniforme de preso, calça cáqui e camiseta branca.

— Muita gente me olha na rua e pensa que eu fugi por causa do uniforme. Na ver-



Reencontro. Eliane da Silva, presa desde 2019, abraça a mãe, Fátima, na saída

dado, alguns saem com essa roupa porque não têm o que vestir — conta Camilo Gonçalves, de 42 anos.

Gonçalves cumpre pena por assassinato. A Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo confirma que os presidiários que não têm muda de roupa dentro da cadeia saem com o traje oficial dos internos.

Organizações não governamentais que apoiam a ressocialização montam barracas em frente às cadeias para servir café da manhã e doar roupas e sapatos aos detentos. A maioria dessas instituições está ligada às

igrejas evangélicas. A voluntária Carmem Gonçalves, de 40 anos, da Igreja Universal do Reino de Deus, diz que não faz distinção religiosa na hora de servir café com leite e pão com mortadela aos presidiários.

— A pessoa pode até não acreditar em Cristo que vem aqui e come — assegura. — Mas a gente tenta catequizar.

Como aproximadamente 1,5 mil presos não retornaram na última "saindinha" do ano passado, entre o Natal e o réveillon, o governo de São Paulo montou uma força-tarefa de policiais civis e militares para aumentar a

fiscalização dos detentos na nova execução do benefício. Eles não podem ficar fora de casa à noite e estão proibidos de ingerir bebidas alcoólicas na rua. Também não podem sair da cidade-domicílio. Servidores públicos vão ligar à noite para o telefone fixo dos condenados por crimes hediondos para se certificar que eles estão em casa.

A saída temporária é o primeiro passo para os presos obterem o regime aberto. Há um projeto no Congresso para extinguir esse benefício.

Além de Alexandre Nardoni e Gil Rugai, também estão entre os favorecidos pela "saindinha" Lindemberg Alves, que matou a ex-namorada Eliot Pimentel, após mantê-la como refém por cinco dias, em 2008, e Cristiano Cravinhos, um dos irmãos condenados pela morte do pai de Suzanne von Richthofen. Pouco depois de deixar a cadeia, Cristian avisou nas redes sociais: "Tô voltando mais uma vez".

Este texto foi originalmente publicado na coluna investigativa sobre crimes na site do GLOBO. blogs.globo.com/true-crime